

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
ESCOLA NORMAL SUPERIOR
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA**

**GEOGRAFIA E GÊNERO EM MANAUS: A DINÂMICA HUMANA NOS
MINIMERCADOS DA PERIFERIA DA METRÓPOLE.**

BEATRIZ PRAIA RIBEIRO

MANAUS

2024

BEATRIZ PRAIA RIBEIRO

**GEOGRAFIA E GÊNERO EM MANAUS: A DINÂMICA HUMANA NOS
MINIMERCADOS DA PERIFERIA DA METRÓPOLE.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade do Estado do Amazonas para a
obtenção do título de Licenciado em Geografia

Orientadora: Susane Patrícia Melo de Lima.

**MANAUS
2024**

Ficha catalográfica

Sistema integrado de bibliotecas da Universidade do Estado do Amazonas

Ribeiro, Beatriz Praia

Geografia e Gênero em Manaus: A dinâmica humana nos minimercados da periferia da metrópole, Manaus-AM/ Beatriz Praia Ribeiro.

Manais: [s.n] 2024

62 f.; il color 30cm

Orientadora ; Susane Patrícia Melo de Lima. Trabalho de conclusão (graduação) – Universidade do Estado do Amazonas/UEA, Escola Normal Superior /ENS, Licenciatura em Geografia, 2024.

1.Periferia 2. Minimercado 3. Gênero 4.Economia I.Lima, Susane Patrícia Melo de II. Universidade do Estado do Amazonas III. Geografia e Gênero.

CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA

Ata de apresentação oral de monografia da aluna **BEATRIZ PRAIA RIBEIRO** de Licenciatura em Geografia da Escola Normal Superior em 16 de fevereiro de 2024.

Ao décimo sexto dia do mês de fevereiro de 2024, às 16:00 horas, na sala 16 – Dalva Santiago da Escola Normal Superior, a aluna **BEATRIZ PRAIA RIBEIRO**, realizou a sua apresentação de monografia intitulada “**GEOGRAFIA E GÊNERO EM MANAUS: A DINÂMICA HUMANA NOS MINIMERCADOS DA PERIFERIA DA METRÓPOLE**”. A banca de defesa foi constituída pelos seguintes membros: PROFA. DRA. SUSANE PATRÍCIA MELO DE LIMA (presidente), PROF. DR. ISAQUE DOS SANTOS SOUSA (membro externo), PROF. ME. MATHEUS VIEIRA AREB (membro interno). A presidente deu início à sessão convidando os membros da banca e a graduanda para tomar assento e iniciar a apresentação. Após apresentação, foi feita a arguição pelos membros que ao final reuniram-se para decidir que a aluna foi *Aprovada*....., com a nota *9.0*..... A sessão foi encerrada e assinada pelos membros da banca e pela graduanda. Manaus, 16 de fevereiro de 2024.

Susane

PROFA. DRA. SUSANE PATRÍCIA MELO DE LIMA
(Presidente)

Isaque

PROF. DR. ISAQUE DOS SANTOS SOUSA
(Membro Externo)

Matheus

PROF. ME. MATHEUS VIEIRA AREB
(Membro Interno)

Beatriz Praia Ribeiro

BEATRIZ PRAIA RIBEIRO
(Graduanda)



UEA
UNIVERSIDADE
DO ESTADO DO
AMAZONAS

Escola Normal Superior
Av. Djalma Batista, 2470 - Chapada
CEP: 69.050-010 / Manaus - AM



AMAZONAS
GOVERNO DO ESTADO

A Dorvalina da Silva Praia, matriarca, mulher forte (in memoriam).

AGRADECIMENTOS

Ao soberano Deus, infalível, inerrante, justo, que faz tudo conforme seu beneplácito, aprenderei todos os dias a amar Sua vontade.

Foi cansativo, mas não quero descansar, no fundo eu sei que nem que eu viva 3 vezes o que eu vivi em 5 anos na universidade, serei capaz de saber o que foi conseguir sobreviver de forma custosa como minha amada avó e matriarca, Dorvalina, conhecida como Dalva viveu, mãe de 4 filhos, trabalhou o quanto pode nos barcos que navegam pelos rios do Amazonas, nas casas da elite de Manaus e finalmente, no seu mercadinho, onde fazia tudo com sabedoria e maestria, ali pela primeira vez, houve estabilidade, aliás, ela é o motivo desta monografia. Obrigada querida avó, por estar presente enquanto pode estar, obrigada pelo apoio.

Agradeço a minha mãe, Juliana da Silva Praia que por um bom tempo foi mãe solo, trabalhadora do distrito, mas sempre tinha tempo pra me levar e trazer da escola quando podia, sempre tinha tempo para me incentivar e dizer o quanto era importante estar onde estou hoje, obrigada por tudo o que foi inventado em mim, não será em vão.

Agradeço ao meu padrasto, Cândido Rodrigues por ser meu pai quando precisou ser, me levou para a escola em todos os anos do fundamental e ensino médio, obrigada por me ouvir, obrigada por investir em mim, não será em vão.

Agradeço a meu pequeno irmão, Lucas Gabriel Praia, que veio ao mundo para nos trazer mais alegria, hoje com 11 anos permanece deixando nossos dias mais leves.

A meu noivo, Rodrigo Trajano Neris, companheiro e motivador (se apaixonar durante o processo não faz mal)!

A professora Susane Patrícia Melo de Lima pelas palavras duras, pelos puxões de orelha, pelos conselhos para artigos e para a vida, de fato, mãe acadêmica, irmã em Cristo.

Ao professor Isaque dos Santos Sousa, pai acadêmico, me orientou a ter um coração ensinável em todas as ocasiões, ensinou a ter capricho, pai acadêmico, irmão em Cristo.

A professora Francilene Sales da conceição, irmã de luta, exemplo a ser seguido, mulher negra que incentiva outras mulheres negras a vencer, exemplo vivo.

A minha Alma Mater, Universidade do Estado do Amazonas, lapidadora.

A sabedoria oferece proteção, como o faz o dinheiro, mas a vantagem do conhecimento é esta: A sabedoria preserva a vida de quem a possui.
Eclesiastes 7:12

RESUMO

Os minimercados são produtos e produtores da economia na periferia de Manaus, estes são em suma fruto da autoconstrução e do autoempredimento praticado pelos sujeitos periféricos, formando assim uma rede que atende ao circuito inferior da economia urbana no espaço onde estão inseridos. A monografia em questão objetiva a análise questões de gênero; como a distinção de papéis socialmente estabelecidos dentro dos minimercados, dando ênfase ao papel da mulher quanto proprietária e trabalhadora nos mercadinhos constatando-se assim que não há uma exceção neste ramo, a mulher segue sendo sobrecarregada, exercendo inúmeros papéis ao mesmo tempo e sobretudo, sendo direcionada pelo seu parceiro mesmo na condição de dona do estabelecimento. A monografia traça também o perfil dos minimercados do bairro Jorge Teixeira, frente ao perfil traçado pelo SEBRAE, mostrando uma realidade mais simples que outrora atendia a sua demanda de clientes, hoje precisando modernizar-se, havendo quem resista. Os sujeitos e sujeitas da pesquisa recebem atenção em sua posição de agente modelador do espaço urbano, na periferia, onde o sujeito periférico é capaz de tomar decisões e influenciar positivamente ou não o espaço geográfico onde está inserido, identificando-se também sua atuação como empreendedor dentro do contexto social onde está inserido, pois na periferia ele produz e reproduz, deste estruturas urbanas a relações sociais desiguais. Todo o recorte desta pesquisa é analisado a luz do método histórico-crítico-dialético, que permite a crítica da crítica, através das leituras basilares já mencionadas constatadas na prática e na historicidade do objeto alvo desta análise, o minimercado.

Palavras chave: Gênero; Minimercado; Periferia.

RESUMEN

Los minimercados son productos y productores de la economía de la periferia de Manaus. Son, en definitiva, el resultado de la autoconstrucción y el autoempleo practicado por sujetos periféricos, formando así una red que atiende al circuito inferior de la economía urbana en el espacio donde se ubican. La monografía en cuestión tiene como objetivo analizar las cuestiones de género; como la distinción de los papeles socialmente establecidos dentro de los minimercados, destacando el papel de la mujer como propietaria y trabajadora en los minimercados, constatando así que no hay excepción en este campo, las mujeres continúan sobrecargadas, ejerciendo numerosos papeles al mismo tiempo y, sobre todo, siendo dirigidas por sus compañeros incluso como propietarias del establecimiento. La monografía también traza el perfil de los minimercados del barrio Jorge Teixeira, en relación con el perfil trazado por el SEBRAE, mostrando una realidad más simple, que en su día satisfizo la demanda de sus clientes, y que ahora necesita modernizarse, aunque haya quien se resista. Los sujetos de la investigación son analizados en función de su papel en la configuración del espacio urbano, en la periferia, donde el sujeto periférico es capaz de tomar decisiones e influir positivamente o no en el espacio geográfico en el que se inserta, identificando también su papel como empresario dentro del contexto social en el que se inserta, porque en la periferia produce y reproduce, desde estructuras urbanas hasta relaciones sociales desiguales. Toda esta investigación se analiza a la luz del método histórico-crítico-dialéctico, que permite la crítica de la crítica, a través de las lecturas básicas ya mencionadas, verificadas en la práctica e historicidad del objeto de este análisis, el minimercado.

Palabras clave: Género; Minimercado; Periferia.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 – Questionário de campo	15
Figura 02 – Questionário de campo	16
Figura 03 – Questionário de campo	17
Figura 04 – Carta de localização dos minimercados visitados em trabalho de campo	19
Figura 05 – Gráfico do tamanho médio dos minimercados no Brasil.....	39
Figura 06 – Gráfico da quantidade de caixas registradoras nos minimercados no Brasil	40
Figura 07 – Gráfico dos setores dos minimercados no Brasil.....	41
Figura 08 – Frente de minimercado com 30m no bairro Jorge Teixeira.....	42
Figura 09 – Área interna de minimercado com 30m no bairro Jorge Teixeira	43
Figura 10 – Minimercado integrando parte da cozinha de sua proprietária	44
Figura 11 – Minimercado integrando a sala de sua proprietária	44
Figura 12 -Maquininha para cartão disponível em minimercado.....	47
Figura 13 – Formas de pagamento aceitas por minimercado expostas em pequenos cartazes.....	47
Figura 14 – Notícia divulgada em 2021 sobre a chegada do supermercado autônomo em Manaus.....	49
Figura 15 – imagem reprodução do supermercado autônomo do condomínio Renaissance, bairro chapada.....	49
Figura 16 – Carta de indicação dos gêneros dos donos dos minimercados	53

LISTA DE SIGLAS

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

IMPLURB - Instituto Municipal de Planejamento Urbano.

PnadC - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio Contínua.

SEBRAE - Serviço Brasileiro de Apoio a Micro e Pequenas Empresas.

LISTA DE TABELAS

Tabela 01 – Identificação dos nomes dos minimercados além do gênero, e antiga ocupação dos proprietários e proprietárias.....	51
---	----

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
I - GÊNERO, TRABALHO E PERIFERIA UMA DISCUSSÃO GEOGRÁFICA	22
1.1 Geografia e o gênero.....	23
1.2 O circuito inferior da economia urbana e as mulheres.....	27
1.3 A periferia e o centro: uma discussão geográfica.....	30
1.4 Auto empreendedorismo na periferia.....	35
II - PERFIL DOS MINIMERCADOS	39
2.1 O perfil estrutural dos minimercados na periferia manauense frente ao perfil do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas – SEBRAE.....	40
2.2 Quem são os sujeitos da pesquisa: empreendedores e funcionários	51
III-CONSIDERAÇÕES FINAIS	57
IV-REFERÊNCIAS	60

INTRODUÇÃO

Mercadinho, Mercearia, bodega, minimercado, estes são os nomes do espaço onde se desenvolvem as relações e dinâmicas analisadas nesta monografia, que também é fruto de desdobramentos de uma pré análise feita por esta mesma autora, intitulada A metrópole de Manaus e a reestruturação produtiva em minimercados frente a situação de pandemia da Covid19: estudo da Zona Leste de Manaus, tal pesquisa trouxe consigo o perfil dos minimercados visitados para coleta de dados da pesquisa, dado importante para entender o circuito inferior da economia dentro de uma periferia em Manaus.

É inerente a esta monografia a importância da análise dos sujeitos e sujeitas desta pesquisa, visto que a análise da conjuntura de gênero nos espaços de trabalho não formais é um elemento importante para que entendamos o perfil de trabalhadores e trabalhadoras além dos proprietários e proprietárias que atuam nos minimercados dentro do bairro Jorge Teixeira, periferia na Zona leste da cidade de Manaus.

Destaca-se ainda a importância desta para entender o gênero como uma variável decisiva dentro das relações estabelecidas dentro de um ambiente de trabalho, sobretudo não formal como os minimercados, visto que apesar e não termos normas trabalhistas regulamentadoras, ainda se percebe uma hierarquia que remete a postos de trabalho bem definidas que nos levam a compreender projeções futuras dos proprietários e proprietárias arquitetadas sobre o estabelecimento.

Entender o circuito inferior da economia urbana Santos (1978) a partir de uma perspectiva de sexos tem importância inerente a qualquer tentativa de entender de onde vieram os civis empreendedores, ou seja, o que os levou a investir em um minimercado, sempre partindo de pressupostos básicos que já cercam o mercado de trabalho a séculos, na verdade desde que o trabalho é trabalho; a diferença de sexos nos postos, a diferença de remunerações a partir do sexo e sobretudo a própria oportunidade de trabalho.

A problemática desta análise está em uma temática antiga, a igualdade de gênero no mercado de trabalho, mas não nos referimos a um debate sociológico sobre causas ou efeitos deste latente problema, mas uma análise a partir do que se imprime no espaço a partir dos frutos da desigualdade no mercado de trabalho, quem é o trabalhador e a trabalhadora que estão a frente dos minimercados que alimentam a

periferia diariamente? A incógnita desta análise nos leva a refletir sobre os trabalhadores informais na periferia, o trabalho na periferia, as dinâmicas humanas, sobretudo trabalhistas, estabelecidas em espaços não formais e o perfil estrutura dos minimercados na periferia de Manaus.

O movimento metodológico que se pretende aplicar nesta análise é o histórico-crítico-dialético Sposito (2004), tal método assume seu caráter de essencialidade nesta análise, visto que, trata-se de um método que revela face mais crítica de uma análise geográfica que constata contradições no objeto da pesquisa, os minimercados, tal transposição faz parte das leis gerais da dialética, que Sposito (2004) disserta:

A dialética, como ciência das leis gerais do movimento e do desenvolvimento da natureza, da sociedade e do pensamento humanos, possui três leis, amplamente conhecidas por aqueles que têm um mínimo de familiaridade com o marxismo, que assim podem ser resumidas: (1) a transformação da quantidade em qualidade e vice-versa; (2) a unidade e interpenetração dos contrários, e (3) a negação da negação. (Sposito 2004, p.45)

Temos a premissa de que existe a necessidade de uma transposição do quantitativo para o qualitativo, ou seja, os dados que serão coletados irão nos fornecer informações através de sua leitura, contudo, a realidade dos minimercados frente a uma realidade apresentada pelo SEBRAE, por exemplo, pode ser totalmente outra, ou apresentar algumas diferenças, aí estaremos lidando com as contradições.

Sobre a pesquisa que tem por premissa a Dialética, Sposito (2004, p.12) nos diz que “os pesquisadores confrontam as opiniões, os pontos de vista, os diferentes aspectos do problema, as oposições e contradições; e tentam elevar-se a um ponto de vista mais amplo, mais compreensivo” pode-se dizer que é exatamente isso que se tentará alcançar nesta análise frente a uma problemática ampla de Situação dos trabalhadores a no circuito inferior da economia a partir de uma perspectiva de gênero que pode ser reveladora, um verdadeiro “expectativa versus a realidade” frente as leis regulamentadoras e seus padrões de procedência.

O método Dialético trabalha com a possibilidade de novas visões a respeito de determinada problemática, criando assim novas problemáticas e porque não novas contradições?

O pensamento que é elaborado, uma vez estabelecido, vai ser confrontado com um novo pensamento, criando assim uma tensão entre dois modos de

pensamento. A isso Hegel chamou de processo dialético. Uma afirmação, ou seja, uma posição claramente definida atrai necessariamente uma negação. A tensão entre afirmação e negação leva necessariamente a uma nova posição, superior às duas, mas que contém suas ideias confrontadas, chegando-se à negação da negação. Esses três estágios do conhecimento (a tríade) foram chamados por Hegel de tese, antítese e síntese. (Sposito, 2004, p.43)

Sposito (2004) é assertivo quando afirma que uma nova posição surge entre os desencontros de uma negação e de uma afirmação, o que finda com a ideia de que há uma verdade estática e absoluta a respeito de um tema. Em termos de aplicabilidade, na proposição desta análise temos uma análise da regulamentação trabalhista, ou o padrão de procedência da estrutural para os minimercados e mercados em relação a realidade da periferia metropolitana, temos um fato: há uma legislação que rege a forma de trabalho, a forma de trabalhar, a idealização do que seria ótimo para o trabalhador e trabalhadora, neste âmbito Temos uma abstração, mas iremos apresentar a realidade diante da abstração, chegando assim no que chamamos de “verdade”.

A esse respeito Sposito (1975) afirma:

O motor desse processo é a dialética, concebida de maneira mais restrita que Hegel chama de "a compreensão dos contrários em sua unidade ou do positivo no negativo". É o método que permite ao pensador dialético observar o processo pelo qual as categorias, noções ou formas de consciência surgem umas das outras para formar totalidades cada mais inclusivas, até que se complete o sistema de categorias, noções ou formas como um todo. Para Hegel, a verdade é o todo e o erro está na unilateralidade, na incompletude e na abstração. (Sposito, 2004, p.43 apud Popper 1975 p.40)

O espaço é um produto social e resultado do conhecimento do processo produtivo e, portanto, o método dialético permite apreender suas contradições. (Soto, 2008, P.123)

No que diz respeito aos procedimentos metodológicos, a gênese desta análise se dará a partir de levantamento bibliográfico, que será revisado a partir do recorte temático e da própria legislação que rege os o comércio metropolitano fazendo assim um paralelo entre as estruturas que já existem e o que legislação exige para que permaneçam ativas, além de um levantamento bibliográfico sobre questões de gênero e trabalho, sendo assim, teremos uma fundamentação teórica essencial para se fazer a análise necessária de todos os dados quantitativos coletados, de acordo com Gerhardt, T. E. e Silveira, D (2009) “a pesquisa qualitativa tende a salientar os aspectos dinâmicos, holísticos e individuais da experiência humana, para apreender

a totalidade no contexto daqueles que estão vivenciando o fenômeno” estabelecendo-se assim o segundo procedimento desta pesquisa, a coleta de dados secundários em plataformas digitais já mencionadas anteriormente, estes dados serão tabulados e sistematizados de acordo com o que se estabelece pela pesquisa, ou seja, a situação econômica dos minimercados a níveis gerais e particulares no estado do Amazonas, além dos próprios dados quantitativos que serão coletados em campo através de um questionário.

O questionário de campo (Figuras 1, 2 e 3) será aplicado em 10 minimercados, através dele teremos mais uma amostra da situação dos minimercados, e da situação de trabalho dos trabalhadores e trabalhadoras desses minimercados com perguntas que nos ajudam a compreender as relações humanas estabelecidas dentro dos minimercados a partir de uma perspectiva de gênero e funções. O questionário terá 10 perguntas que supriram a necessidade desta análise estas perguntas que serão abertas, dicotômicas; com variações entre sim e não, nas entrevistas optou-se por manter o anonimato dos proprietários e demais pessoas entrevistadas. Concomitantemente, registros fotográficos serão feitos e situadas neste trabalho.

Figura 01- Questionário de campo**1) Qual o tamanho médio do estabelecimento?**De 10 a 30m² (8)De 30 a 60m² (2)De 60 a 90m²**2) O estabelecimento possui caixa registradora? se sim, quantas?**

Não (10)

Sim

Quantas_____

3) Quais formas de pagamento o estabelecimento aceita?

Dinheiro físico (10)

Cartão de crédito e débito (8)

Vale alimentação

Pix (8)

4) Quais os setores presentes no estabelecimento?

Açougue (3)

Sacolão (Verduras e legumes) (10)

Frios (3)

Padaria

Brinquedos (3)

Bomboniere (10)

Essenciais (alimentícios e limpeza) (10)

Elaboração: Beatriz Praia Ribeiro

Figura 02 - Questionário de campo**5) O estabelecimento possui CNPJ?**

Não (9)

Sim (1)

6) Qual o gênero do dono ou dona do estabelecimento?

Homem cis (4)

Mulher cis (6)

Transgênero

Não binário

7) Quantos funcionários e funcionárias há no estabelecimento?

Não há funcionários e funcionárias (6)

1 (4)

2

4

3

5

8) O estabelecimento é continuidade da casa do dono ou dona?

Não

Sim (10)

9) A quanto tempo o estabelecimento existe?

De 1 a 10 anos (7)

De 10 a 20 anos

De 20 a 30 anos (3)

Elaboração: Beatriz Praia Ribeiro

Figura 03 - Questionário de campo

10) O atual dono do estabelecimento teve alguma ocupação antes de empreender no minimercado ? Se sim, qual ?

Não (5)

Sim (5)

Qual:

3 no distrito industrial; 1 em casa de família; 1 militar

11) O estabelecimento funciona quantas horas por dia

Os 10 estabelecimentos funcionam 14 horas por dia

12) O estabelecimento fecha para almoço ou intervalos ?

Sim

Não (10)

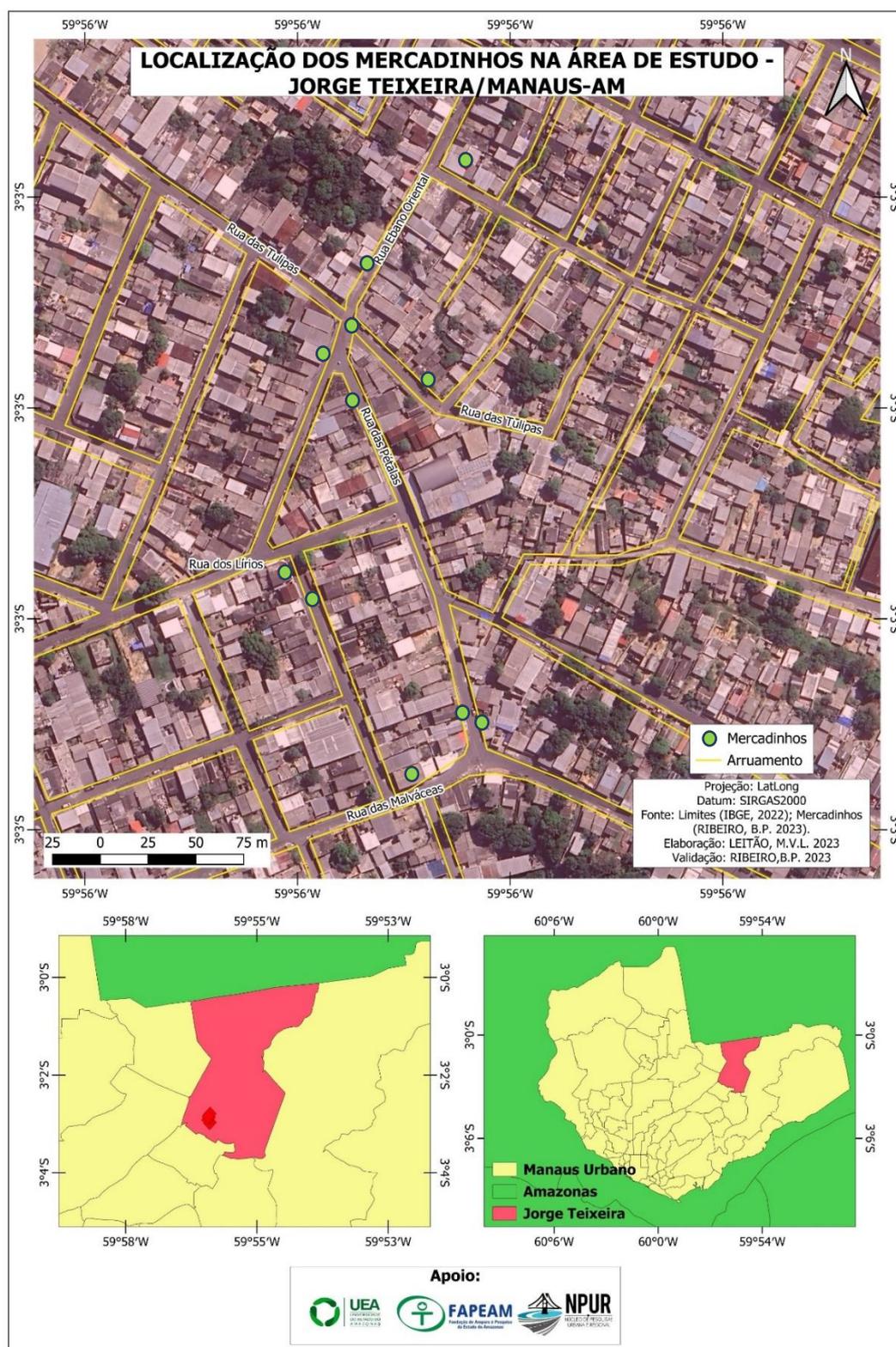
Elaboração: Beatriz Praia Ribeiro

O recorte espacial da pesquisa compreende uma das periferias de Manaus, mais especificamente o bairro Jorge Teixeira em sua primeira etapa (Figura 04), onde há um grande contingente de minimercados em suas ruas e etapas com dimensões aplicáveis a pesquisa do Sebrae e até mesmo inferiores a essa. Os minimercados analisados não estão muito distantes um do outro, na verdade até no mesmo raio de quilômetro.

O recorte temático da análise está vinculado a Gênero e Economia urbana, visto que estamos analisando os sujeitos desta pesquisa, que são os trabalhadores informais destes minimercados e seus empreendedores a partir da variável de gênero e também estamos analisando a estrutura dos minimercados, levando em consideração o conceito de estrutura de Corrêa (1987).

O recorte temporal da pesquisa é o ano vigente, 2023, contudo os dados secundários desta serão considerados apenas a partir de 2010, visto que temos uma conjuntura histórica que explica situações como a discriminação e a construção social de diferenças baseadas em gênero. Em suma, o objetivo é analisar a situação de trabalho nos minimercados a partir da premissa gênero e seus pressupostos conceituais em 2023.

Figura 04 – Carta de localização dos minimercados visitados em trabalho de campo



Primeiramente temos o referencial teórico que por si só está dividido em 4 partes, sendo a primeira delas direcionadas a tratar sobre Geografia e gênero; trazendo uma discussão sobre o próprio domínio semântico da palavra gênero, que nos leva a uma reflexão que faz um recorte direcionado a sexos, ou seja, teremos uma variável masculina e outra feminina que nos apoiará nesta reflexão, além de uma breve historicidade sobre questões trabalhistas como a própria desigualdade desde sua gênese. Em um segundo momento o capítulo trata sobre o circuito inferior da economia no Brasil, que caracteriza o circuito, destrinchado por Santos (1978) correlacionando mais uma vez a questão de gênero, que permeia esta análise. Em um terceiro momento o capítulo traz uma discussão teórica acerca da periferia, o centro e suas perspectivas. Por último, neste primeiro capítulo trataremos sobre o autoempreendedorismo na periferia.

Por seguinte faz-se uma análise trata respeito do perfil dos minimercados na periferia de Manaus, mais especificamente no bairro Jorge Teixeira. O capítulo inteiro é voltado a uma análise estrutural desse objeto urbano que é o mercado, suas dimensões, seus instrumentos de trabalho, seus produtos e também a importância da casa e da moradia para estes estabelecimentos. Por se tratar de uma análise que teve resultados prévios através do desdobramento de uma pesquisa já concluída que teve por base a comparação de perfil de minimercado proposto pelo Serviço de Apoio a Micro e Pequenas Empresas/SEBRAE, É possível perceber nuances e uma caracterização feita pelo SEBRAE que desconhece a realidade de minimercados simples presentes na periferia, faz-se também presente neste âmbito da análise a situação dos trabalhadores que atuam nós minimercados;

Finalmente o último capítulo desta monografia traz um apanhado de informações sobre os proprietários dos minimercados, nele vamos saber de onde vieram os empreendedores da periferia, onde trabalhavam antes de abrirem este negócio que alimenta a periferia, quais as relações estabelecidas entre eles e seus funcionários, quem são seus funcionários e sobretudo, se temos mais mulheres ou homens a frente desses empreendimentos, quem são os herdeiros desses empreendimentos e o modo de trabalho desenvolvido dentro desses.

**I – GÊNERO, TRABALHO E
PERIFERIA UMA DISCUSSÃO
GEOGRÁFICA**

1.1 Geografia e o gênero.

A monografia em questão se ocupa de fazer uma discussão a respeito da situação de trabalho dos sujeitos e sujeitas desta pesquisa a partir de uma perspectiva de gênero, levando em consideração a amplitude de pressupostos que a temática gênero traz consigo e a própria atualidade da discussão que toma dimensões maiores com o passar do tempo.

Com uma simples consulta no dicionário, encontramos algumas definições de gênero construídas a partir do que se deseja saber sobre, por exemplo: temos gênero como um termo direcionado a classes de seres vivos levando em consideração suas semelhanças e diferenças comportamentais e biológicas estabelecendo assim grupos; temos também uma ideia social de gênero que divide os indivíduos de acordo com seus papéis sociais pré-estabelecidos por uma cultura, religião e política.

Em termos de domínio semântico Ferreira. A (1986 p.844) define gênero como uma “categoria que indica, por meio de desinências, uma divisão dos nomes baseada em critérios tais como sexo e associações psicológicas” há também uma definição do termo que se julga importante para esta análise que trata de gênero de vida, traduzida por Ferreira. A (1986 p.844) como um "conjunto de atividades habituais, provenientes da tradição, mercê dos quais o homem assegura a sua existência, adaptando a natureza em seu proveito" isto nos lembra um pouco de geografia possibilista, a geografia que vê o homem como ser capaz de lidar com os desafios que a natureza lhe propõe através de adaptações. Proposta do La Blache.

A geografia está para a análise de gênero assim como o gênero está para a geografia, pois estamos tratando de uma análise humana, uma análise dos sujeitos no espaço geográfico. O gênero é uma variável importante para entender construções sociais como as próprias diferenças de funções dentro da sociedade, dentre essas diferenças podemos citar diferenças salariais dentro de uma mesma situação de trabalho exercida por homens e por mulheres, Scott (1995) faz uma análise sobre o gênero como uma categoria útil para a análise histórica, sobre a historicidade do uso do termo ele diz:

Gladstone fazia esta distinção em 1878: “Atenas não tinha nada do sexo além do gênero, nada da mulher além da forma”. Mais recentemente – demasiado recente para que pudesse entrar nos dicionários ou na Encyclopedia of Social Sciences – as feministas começaram a utilizar a palavra “gênero” mais

seriamente, num sentido mais literal, como uma maneira de se referir à organização Social da relação entre os sexos. (Scott, J, 1995, p.72)

A colocação de Scott é precisa e importante para esta monografia por dois grandes motivos: o primeiro deles é por estarmos fazendo uma análise histórica que é crítica e também dialética; o segundo é por termos como sujeitos alvos desta pesquisa homens e mulheres, com ênfase maior às mulheres e suas situações de trabalho nos minimercados e as relações entre os sexos estabelecidas nele.

O termo gênero por muito tempo passou a ser utilizado como sinônimo de mulheres, assim, todas as vezes que se estuda a história ou quaisquer problemas relacionados ao mundo das mulheres, é um problema de gênero, isto de certa forma torna a análise sobre a situação das mulheres uma análise também sobre o homem, já que a desigualdade e as contradições relacionadas a gênero são majoritariamente e historicamente do homem para a mulher, sobre isso Scott (1995) afirma que:

O termo "gênero", além de um substituto para o termo mulheres, é também utilizado para sugerir que qualquer informação sobre as mulheres é necessariamente informação sobre os homens, que um implica o estudo do outro. Essa utilização enfatiza o fato de que o mundo das mulheres faz parte do mundo dos homens, que ele é criado nesse e por esse mundo masculino. (Scott, 1995, p.75)

Observa-se na estrutura social, que tem se confeccionado no tempo e no espaço a objetificação da mulher e a inferiorização destas está atrelada diretamente a ascensão do patriarcado nos mais diversos âmbitos e funções, são eles quem decidem o que elas podem ou não fazer, todavia aqui também cabe falar a respeito do lugar, uma categoria geográfica importante também quando falamos do lugar do sujeito, no caso desta análise, o lugar da mulher neste mercado de trabalho que se desenrola nos minimercados.

Apesar de o ambiente da casa ser historicamente designado à mulher, nesse lugar as funções são realizadas tendo em vista o bom desempenho do lar. Ela é a responsável pelas condições de reprodução e isso em sintonia com as necessidades do trabalhador, chefe da família e no momento em que ela própria tende a sair para o trabalho remunerado, continua sendo a única responsável pela casa. Trabalho gratuito e sem custos para o capital. A casa é o lugar da reprodução dos seres humanos, sendo que esta função juntamente com a função da reprodução dos trabalhadores é organizada e na maioria das vezes é realizada pela mulher. (Carvalho, t. B.; Thomaz. J, 2020, p.154)

A divisão do trabalho proveniente das “relações sociais de sexo” reservou às mulheres a esfera reprodutiva e aos homens, a esfera produtiva, estabelecendo uma relação assimétrica entre os sexos que cria e reproduz concomitantemente as desigualdades de papéis e funções na sociedade. As relações sociais entre os sexos se apresentam desiguais, hierarquizadas, marcadas pela exploração e opressão de um sexo em contraponto à supremacia do outro. (Souza, L. P. ; Guedes, D. R, 2016, p.125)

Em casa, servindo ao homem, gerando filhos e cuidando dos seus filhos, este foi o lugar designado a mulher na construção de praticamente todas as culturas, para ela foi estabelecido o lugar onde acreditam que ela seja capaz de estabelecer feições e raízes, porém há presença de muitas mulheres tanto em trabalhos quanto em empregos, exercendo inclusive o papel de liderança, que conquistem pela postura de líder diante de uma família ou funcionários, Em suma, estamos dizendo que os lugares, os espaços onde se estabelecem relações e o próprio afeto, devem ser escolhidos pelo sujeito ou pela sujeita, não se faz necessário que um grupo diga o lugar ideal pois

[...]não se nasce mulher: torna-se. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino (Beauvoir, 1980, p. 9)

O sexo, comumente estabelecido como um dado biológico, está relacionado à dimensão anatômica das diferenças dos corpos. Assim, o corpo, já categorizado como de macho ou de fêmea, é a base sobre a qual se institui os papéis culturais e as expectativas de comportamento que a sociedade tem para o desempenho do papel do macho, que deve ser masculino, e do papel feminino, desempenhado pelo corpo categorizado como de fêmea. (Silva; Josely, 2007, p.121)

É importante salientar aqui que uma discussão sobre sexo também é uma discussão de gênero, como Silva e Josely (2007) afirmam, quando falamos sobre sexo, estamos falando de um corpo já categorizado ou como macho ou fêmea, premissa basilar para a diferenciação de papéis estabelecida até hoje na sociedade, porém não se pode negar a existência desses papéis por mais irrisórios que sejam frente ao ser humano que se adapta aos desafios propostos, sejam no mercado de trabalho, na urbe, seja na natureza, em uma distante tribo indígena.

No viés teórico, o conceito de gênero não substitui a categoria social mulher, nem a torna menos importante em relação às pesquisas, intervenções e análises sobre as mulheres enquanto grupo social discriminado. Ao contrário,

possibilita que se pense a categoria gênero como uma construção social historicamente específica, com uma estrutura legítima de discriminação, exploração e subordinação das mulheres. Além disso, a categoria gênero também favorece a imersão na diversidade da condição e da experiência feminina em sociedades distintas, no tempo e espaço. Sem dúvidas, as representações de gênero na sociedade acontecem de muitas formas, cercadas de modelos, símbolos e preconceitos reproduzidos por gerações, como o fato de meninos terem maior autonomia e poder para explorar os espaços públicos e os relacionamentos, enquanto as meninas e mulheres precisam ser recatadas e discretas, biologicamente determinadas às funções domésticas e reprodutivas. (Moreira, 2022, p.190)

Para a geografia o espaço geográfico é uma categoria de análise muito importante assim como o lugar, já mencionados aqui, para uma análise dialética do gênero no espaço, o contexto, a história a temporalidade são importantes, visto que existem temporalidades com realidades específicas, com seus símbolos, modelos e seus preconceitos, visto que, a premissa do preconceito permanece, contudo se manifesta de maneiras diferentes e até com outros nomes, aqui destaca-se o termo machismo, utilizado desde a década de 60 pelo movimento feminista.

É essencial compreender bem que o espaço é anterior ao território. O território se forma a partir do espaço, é o resultado de uma ação conduzida por um ator sintagmático (ator que realiza um programa) em qualquer nível. Ao se apropriar de um espaço, concreta ou abstratamente, o ator “territorializa” o espaço. (...) O território, nessa perspectiva, é um espaço onde se projetou um trabalho, seja energia e informação, e que, por consequência, revela relações marcadas pelo poder. O espaço é a “prisão original”, o território é a prisão que os homens constroem para si. (Raffestin, 1993, p. 143-144).

O território como categoria de análise da geografia pode ser amplamente utilizado na pesquisa de gênero, de acordo com Haesbaert (2004) ele é em suma poder, dominação, apropriação, Raffestin também colabora para esta análise quando diz que o território é construção dos atores, aqui peço licença para chamá-los de agentes, estes agentes apropriam-se simbolicamente e materialmente do espaço tornando-o assim seu território.

Há alguns séculos que antecedem o nosso, XXI, haviam territórios frutos de territorialidades carregadas de preconceitos, onde haviam lugares para negros e brancos, leprosos ou não leprosos, judeus e gentios e sempre quase que na totalidade do tempo e dos espaços, homens e mulheres, sempre diferentes, sempre distintos, com apenas um subordinado a outro. Portanto, a geografia e a análise de gênero podem andar juntas.

1.2 O circuito inferior da economia urbana e as mulheres

Quando ponderamos sobre economia informal Urbana somos conduzidos a pensar em circuitos da economia urbana, estes é um termo difundido por Milton Santos, o geógrafo faz uma caracterização do que ele chama de circuito superior e circuito inferior, tendo como base das características, a formalidade e a informalidade, suas dimensões estruturais e a disponibilidade de incentivos, tanto em termos de crédito quando em termos estatais gerais.

O foco da desta monografia é o circuito inferior da economia, visto que os minimercados são parte ativa e integrante do circuito inferior da economia, uma vez que se trata de um trabalho informal que se caracteriza “(...)pelos serviços não modernos fornecidos ‘a varejo’ e pelo comércio não moderno e de pequena dimensão” Santos (1979, p. 31)

Vale salientar que o circuito Inferior da economia urbana se materializa também nos pequenos comércios, estes comércios são objetos geográficos urbanos quando estão no espaço urbano, seja na periferia ou no centro, chamamo-los assim de fixos, entende-se aqui os fixos a luz da análise de Santos (2008), que afirma que

Os fixos, em algumas palavras, constituem os objetos geográficos que permanecem por um tempo considerável: são os pontos de apoio sobre o qual se ancora a vida de uma sociedade, o seu cotidiano, o seu trabalho. Tangíveis no espaço, e imóveis no lugar, os fixos são sempre localizáveis, apresentam formas bem definidas. Podemos apontá-los no mapa (já com relação aos fluxos, pode-se, quando muito, apenas indicar por onde passam). Além disso, criados por ações humanas e produtos de intencionalidades, os fixos desempenham funções. Foram criados, e são mantidos, por alguma razão. (Santos 2008, p.102)

Dentro do circuito inferior temos pequenas vendas que vão de uma região a outra da cidade sob pequenas carrocerias de motos ou bicicletas, ou em carros improvisados para levar os produtos até o máximo de pessoas possível e quem sabe vende-los, estes são os agentes do circuito inferior da economia em mobilidade pela cidade.

Os minimercados por sua vez são fixos, ficam imóveis num mesmo lugar, os sujeitos da cidade, sobretudo da periferia sabem onde encontra-los, sabem os horários que abrem e fecham, podem inclusive ter o seu mercadinho favorito, seja por afinidade com os proprietários, ou por questões voltadas a relação cliente-produto,

porém apesar de serem imóveis, estão em constante movimentação no que diz respeito ao uso de técnicas, assim como todo o circuito inferior da economia.

O circuito inferior ganha novo conteúdo quando incorpora algumas tecnologias em suas atividades. Além disso, a expansão do crédito trouxe a ampliação do consumo da população pobre ocasionando um empobrecimento ainda maior das classes populares. A difusão do cartão de crédito, dos financiamentos pessoais e serviços financeiros oferecidos por redes de lojas coexistem com as antigas formas de crédito do circuito inferior como fado, o crediário e mesmo os empréstimos realizados com agiotas. Dessa forma, o circuito superior aprofunda a dominação sobre o circuito inferior por meio das finanças. (Cataia; Silva, 2013, 71).

Os minimercados assim como outros espaços de compra e venda na metrópole não estão estacionados no tempo e no espaço, mas efetivamente acompanham a evolução dos meios técnicos, a própria forma, disposição, dos minimercados é fruto de técnica, que de acordo com Santos (2009, p.29) “são um conjunto de meios instrumentais e sociais, com os quais o homem realiza sua vida, produz e, ao mesmo tempo, cria espaço” e a forma por sua vez é atividades se realizam. Receptáculo ou recipiente, pode ser um prédio, uma rua um bairro, uma cidade, uma área agrícola. A forma se manifesta em várias escalas, tendo uma localização e um dado arranjo espacial. Trata-se, sem dúvida, de forma espacial. (Corrêa 2009, p.1)

Portanto, o objeto de estudo desta análise não é inerte, pelo contrário, ele acompanha o tempo que traz consigo inovações técnicas, à medida que se modifica no espaço, expresso em sua forma e em suas técnicas, e finalmente, a condição dos sujeitos e sujeitas desta análise, ou seja, quem está por trás do funcionamento do estabelecimento, visto que, os minimercados são formas urbanas e não urbanas impressas no espaço. Assim como os outros conceitos de termos importantes para a geografia urbana foram expressos nesta análise em concordância com os autores, o conceito de espaço então, não é diferente.

(...)pode ser visto como terreno das operações individuais e coletivas, ou como realidade percebida. Na realidade, o que há são invasões recíprocas entre o operacional e o percebido. Ambos têm a técnica como origem e por essa via nossa avaliação acaba por ser uma síntese entre objetivo e o subjetivo (Santos, 2004, p. 55)

Por estarem majoritariamente na periferia da metrópole, os minimercados atendem a classe baixa e a classe média da cidade, sendo ela baixa ou alta. Há na

periferia a possibilidade de criação de minimercados na garagem da própria casa, há uma facilidade em termos de formas para que se crie um minimercado com suas prateleiras e seus balcões, contudo o capital de giro é necessário para começar, os fluxos, a movimentação monetária precisa acontecer, por isso, saber quem são os empreendedores dos minimercados e a procedência do capital de giro destes, além das perspectivas futuras para o empreendimento são importantes.

Há uma única descrição dos minimercados a nível nacional que se trata do Perfil dos Minimercados no Brasil publicada em 2016 pelo SEBRAE, porém a pesquisa se detém a forma, a técnica e as finanças, não há atenção para os sujeitos, empreendedores e trabalhadores e seus respectivos perfis que nos ajudaria a entender a situação de trabalho de quem atua nos minimercados.

Ao trabalhar com a premissa da vida na periferia, não se pode deixar de mencionar o contexto de vulnerabilidade para os sujeitos que lá vivem, sobretudo as mulheres. De acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em seu censo demográfico de 2022, há um apontamento de que as mulheres são maioria no Amazonas com cerca de 1.975.803 (50,1%) e os homens por sua vez com 1.965.810 (49,9%), e mesmo com um alto número de mulheres ainda há camadas e camadas de desigualdades latentes em muitos setores, tanto a nível Amazonas, Manaus, quanto a nível Brasil.

De acordo com dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio Contínua (PnadC) do terceiro trimestre de 2022, temos uma diferença de 21% de renda entre homens e mulheres, sendo as mulheres o grupo com o menor salário no Brasil. A nível Manaus, expõe-se aqui um panorama elaborado pela Action pesquisas, seguimento responsável pela pesquisa voltada a indicadores quantitativos e qualitativos de índices populacionais, comércios e indústrias em 2023, nele afirma-se que 8,7% da ocupação das mulheres em Manaus é o de “dona de casa”, a média destas mulheres é de cerca de 35 anos, majoritariamente com um menor poder aquisitivo.

Não há pesquisas quantitativas direcionadas especificamente a mulher no circuito inferior da economia em Manaus, muito menos qualitativas, porém a pesquisa traz consigo uma amostragem do panorama vivido por essas mulheres.

1.3 A periferia e o centro: uma discussão geográfica

Para efeito de início de discussão, faz-se necessária uma análise referente aos termos comumente utilizados para se referir ao espaço em questão, a periferia, há quem a chame de subúrbio, há quem áreas marginalizadas e há quem a chame apenas de periferia. O primeiro termo, subúrbio, já foi utilizado em discussões a cerca para se referir ao existir e viver em uma realidade que permeia o urbano e o rural, conforme Soto (2008), contudo a luz da geografia se pensa neste espaço como sendo

Às áreas que circundam as áreas centrais dos aglomerados urbanos. Derivada da palavra inglesa suburb, que literalmente significa “subcidade”. No subúrbio, a população ali localizada ainda carece de infraestrutura básica. (Soto, 2008, p.110)

Dada a afirmativa acima, não se pensa no subúrbio como sendo fruto de um estilo de vida rural na cidade, mas como área periférica dentro da cidade, periférica aos grandes centros da cidade, centros estes que podem ser econômicos, culturais, políticos, estéticos ou imobiliários, ou seja, o subúrbio, a periferia estão majoritariamente a margem do desejo do cidadão urbano e moderno, contudo fazem-se necessárias ressalvas, pois a periferia também possui suas centralidades.

A ideia de periferia, presente no senso comum, é proposta ou entendida como o espaço da classe mais baixa da sociedade, e passa também uma ideia de continuidade do espaço urbano central. De acordo com Guimarães (2015) a literatura sobre periferias produzida entre 1970 e 80, a propõe como o “urbano possível” da classe trabalhadora, ou seja, a ideia popular de periferia não está errada, na verdade está embasada em uma perspectiva que não esgota a periferia em seu total significado. Guimarães (2015) reforça em sua perspectiva a ideia de precariedade das periferias:

A periferia, em sua forma, é resultado de ação pulverizada de uma variabilidade de agentes privados, que ao agirem dão origem aos chamados loteamentos populares. Estes surgem através das estruturas geradas pelos mecanismos espoliativos urbanos que impulsionam os agentes sociais precariamente incluídos nos circuitos superiores da economia e da política a produzirem seu próprio espaço. (Guimarães 2015, p.24)

A periferia, então, é o produto de uma lógica cruel e segregadora, baseada na exclusão da urbe, criada e recriada a partir dos mecanismos especulativos sobre o solo, sobre a propriedade fundiária, que exclui e (re) inclui os

indivíduos dentro de uma urbanização “estanquizada” e precária. (Guimarães 2015, p.24)

A Periferia Então é entendida a partir desta perspectiva como a acolhedora para os sujeitos socialmente excluídos da urbe, não utilizamos aqui a palavra acolhimento no seu sentido literal, mas sim no sentido de abrigar os sujeitos, a medida que eles produzem estes espaços, esboçando suas características, características essas carregadas de contradições, fruto das desigualdades sociais existentes e acentuadas na cidade.

A condição periférica, como expressão das contradições do capital, e sua expansão para todo o mundo, tem a ver com o próprio desenrolar contraditório do capitalismo, já que coloca em evidência a precariedade como o grau zero da sociedade da modernidade tardia (Canetti, 2019 p.20)

A contradição é característica primordial de toda e qualquer relação capitalista a medida que temos a precariedade, a instabilidade como grau zero e a garantia de consistência como fases sociais e estruturais de uma sociedade em processo de modernidade tardia, ou seja, a periferia está condicionada a proporcionar a experiência tardia, retardatária da vida na urbe. Conforme afirma Soto (2008, p.110) “a periferia é a negação das promessas transformadoras, emancipadoras, civilizadoras e até revolucionárias do urbano, do modo de vida urbano e da urbanização”

A partir do fim da segunda guerra mundial, a extensão do assalariamento, o acesso por ônibus à terra distante e barata da periferia, a industrialização dos materiais básicos de construção, somados à crise do aluguel e às frágeis políticas habitacionais do Estado em relação à habitação tornaram o trinômio loteamento popular / casa própria / autoconstrução a forma predominante de assentamento residencial da classe trabalhadora. (Mautner, 1999 p.246)

Dessa forma, se generaliza a solução alla periférica: de forma homóloga à industrialização de baixos salários, acontece a urbanização dos baixos salários marcada pela autoconstrução da casa, pela ocupação irregular da terra, pela extensão horizontal de bairros sem urbanização, cuja ocupação é viabilizada pelo precário transporte sobre rodas, indispensável para transportar a força de trabalho. A urbanização dos baixos salários representa, assim, a forma que a classe trabalhadora, empregada ou desempregada, arranhou para continuar na cidade de forma a integrar os circuitos de exploração do capital. (Canetti 2019, p.136)

Considera-se aqui que historicamente a urbanização dos baixos salários é a urbanização produzida pelos sujeitos periféricos, este é o meio e o modo pela qual se ocupa a terra que posteriormente será denominada de periferia, marcada pelo desejo do sujeito de possuir sua casa, seu autoempreendimento, cabe então uma ressalva importante, todos os sujeitos periféricos que não trabalham na periferia, precisam sair da periferia, e neste quesito, o estado como agente modelador do espaço providencia o transporte público – também precarizado, antes mesmo do uso – para levar os trabalhadores das zonas periféricas para suas ocupações, afinal, quem mantém a cidade e desenvolve a forma dos grandes centros urbanos são sujeitos periféricos.

A periferia, espaço social, economicamente desvalorizado e carente de infraestrutura, ocupada por segmentos sociais populares que usam o espaço como função de dormitório, serve para o morador como um modo de ascensão social e monetária. Ela é um meio de tornar-se proprietário de um espaço a um custo relativamente baixo, sendo a autoconstrução o viés principal de geração de suas moradias, que se dá por meio do parcelamento da compra em prestações mensais, única forma viável de adquirir um lote para essas camadas menos favorecidas. (Guimarães 2015, p.26)

Com um estado que promove o transporte público para o público periférico, há quem produza e reproduza a periferia para que se a utilize como dormitório, aquele para o qual se volta após um dia de trabalho nas áreas centrais da cidade, contudo é nela que os precariamente incluídos na urbe tem a única possibilidade de possuir algo apenas seu, isso é claro, através da autoconstrução ou de programas sociais que estimulam a ida de pessoas a morarem nela, o minimercado entra aqui como a efetivação da autoconstrução dos sujeitos periféricos, um empreendimento que garante certa estabilidade financeira.

Faz-se necessário entender que há também uma noção de periferia que não a reduz apenas a um espaço precário e subalterno produzido por e para uma classe mais baixa, há também a noção de que a periferia é um nível hierárquico do espaço urbano, conforme afirma Junior e Santos (2009, p.352) “Desta forma, considerando uma relação hierárquica entre os lugares intraurbanos, a periferia estaria subordinada ao centro.” Reforçando assim uma perspectiva de periferia com base em relações intraurbanas.

Para Lefebvre (1973, p.18) “O centro organiza o que o rodeia, dispõe e hierarquiza as periferias. O centro inclui e atrai os elementos que o constituem como

tal, mas o saturam. Ele exclui os elementos que domina e que o ameaçam.”, ou seja, a periferia só é periferia pois existe um centro que a torna periferia, o centro decide quem está perto e quem deve ser mantido longe, isso a nível de relação entre os sujeitos e das formas urbanas, para exemplificar este pensamento, podemos falar dos sujeitos que frequentam os grandes centros, a depender do centro, apenas alguns sujeitos podem frequentá-lo, consumi-lo, adquiri-lo, aqui não há barreiras físicas que impeçam o sujeito de ter direito ao espaço, mas há barreiras sociais, pois existe não apenas uma distância espacial, mas também uma distância social do centro,

Entende-se então a partir da perspectiva acima, que o espaço dito periférico é produto de uma centralização que “surge como resposta espacial da dicotomia centro-periferia” Junior e Santos (2009, p.352). A pesquisa em questão entende ambas linhas de pensamento como importantes descritores da periferia e de sua pluralidade, visto que, ela já não é apenas o urbano possível, mas é também o lugar de muitas centralidades, alvo mesmo até das grandes centralidades do espaço urbano.

O Instituto Municipal de Planejamento Urbano/IMPLURB fornece informações sobre a legislação urbana através plano diretor da cidade de Manaus, elaborado em 2014, tal documento em seu 4º parágrafo estabelece o bairro Jorge Teixeira como espaço do setor Urbano 09, que compreende uma área de uso diversificado, com densidade demográfica média e verticalização baixa, que integra atividades econômicas e industriais além de ser compatível também com o uso residencial

O bairro Jorge Teixeira, é então considerado uma zona periférica do ponto de vista centro-periferia, visto que há áreas da metrópole manauara que possuem em si uma centralidade significativa de movimentação econômica, além de uma produção urbana que acompanha sua influência, porém, por vezes a periferia é centro, é alvo de procura.

A presente pesquisa adotou a perspectiva de periferia como nível hierárquico do espaço urbano pelo recorte espacial desta – o bairro Jorge Teixeira localizado na zona leste – se tratar de um recorte de intensa atividade econômica que possui dentro de si suas próprias centralidades, que por sua vez exercem bastante influência tanto dentro do bairro quanto nos bairros adjacentes, ou seja, além de não se tratar de um bairro majoritariamente preconizado, no que diz respeito às suas estruturas espaciais

é um bairro influente, por isso, não há como esgotar a discussão acerca do bairro somente no âmbito do “espaço urbano possível.

a centralidade surge como resposta espacial da dicotomia centro-periferia da qual a presente combinação concentração e descentralização alteram o espaço urbano. Deste modo, nesta dicotomia centro-periferia, a centralidade constitui-se na superação de modo a relativizar esta relação, e justamente nesta perspectiva ocorrem as alterações espaciais na configuração de novas centralidades. (Santos e Junior, 2009, p. 03).

Se discutimos centro, discutimos centralidade, e se discutimos centralidade, discutimos periferia. Conforme Santos e Junior (2009) afirmam acima há uma dicotomia entre centro e periferia, porém superou-se essa dicotomia, quando se notou que a periferia produzia suas centralidades e atendia seus interesses, é importante deixar claro que nesta análise não se defende uma ideia de independência da periferia, mas sim do reconhecimento de um desenvolvimento tardio nas áreas periféricas.

Como já mencionado nesta análise, o centro varia de acordo com o motivo da sua procura, em Manaus por exemplo, temos o recorte espacial desta análise que é o bairro Jorge Teixeira, nele não há uma procura quando o assunto são imóveis de luxo, ou condomínios de luxo, poderíamos citar muitos outros exemplos do que podemos procurar e não achar no bairro, mas somos impedidos pelo avanço das relações capitalistas que diminuíram distancias e colocaram na periferia os shoppings centers, os cinemas, as redes de fast food, os supermercados, os atacadistas, as distribuidoras, dentre muitas outras formas urbanas fruto do circuito superior da economia urbana.

1.4 Autoempreendedorismo na periferia

Ser escravo do dinheiro é isso, fulano
360 dias por ano, sem plano
Se a escravidão acabar pra você
Vai viver de quem? Vai viver de quê?

Racionais Mc's – Periferia é Periferia

O empreendedorismo tornou-se pauta latente nos últimos anos, principalmente em tempos de pandemia, em casa as pessoas perceberam que poderiam trabalhar ali mesmo, que a internet é um grande espaço imaterial de compras e vendas, mediante a isto, muitos trabalhadores formais e não formais

decidiram então ser seus próprios patrões, contudo, os minimercados como autoempreendimentos e autoconstruções antecedem a pandemia do COVID-19 e a premissa por trás de sua criação atrela-se a sobretudo a uma problemática capitalista.

A existência de uma massa de pessoas com salários muito baixos ou vivendo de atividades ocasionais, ao lado de uma minoria com rendas muito elevadas, cria na sociedade urbana uma divisão entre aqueles que podem ter acesso de maneira permanente aos bens e serviços oferecidos e aqueles que, tendo as mesmas necessidades, não têm condições de satisfazê-las. Isso cria ao mesmo tempo diferenças quantitativas e qualitativas no consumo. Essas diferenças são a causa e o efeito da existência, ou seja, da criação ou da manutenção, nessas cidades, de dois circuitos de produção, distribuição e consumo dos bens e serviços. (Santos, 1979, p. 29).

Diferenças quantitativas e qualitativas de consumo são fatores motivadores não só para que se consuma dos minimercados, mas também para que se crie os minimercados. O “empreendedor” analisa o perfil da demanda do espaço onde está inserido ao mesmo tempo que olha para sua situação e assim surgem mini empreendimentos como os minimercados, afinal, se há um minimercado na rua da casa de alguém, ele certamente será foco de compra dos moradores locais, observe que o dono do minimercado não se configura aqui como uma pessoa rica, mas como uma classe média alta.

Empreender já foi sinônimo de classe dominante, de classe alta, afinal, quem pode empreender é quem pode pagar pelo empreendimento, porém há um forte movimento de incentivo ao empreendedorismo para as classes mais baixas, um incentivo que acompanha um grande slogan que exclama “Seja você mesmo o seu patrão!” “invista no negócio próprio!”, assim, as classes mais baixas, majoritariamente os sujeitos periféricos acreditam encontrar uma válvula de escape da indústria, do chefe e da inflexibilidade do emprego formal, sobre isso, Harvey (2005) afirma:

[...] o movimento rumo ao empreendedorismo tem desempenhado um importante papel facilitador na transição dos sistemas de produção fordistas rígidos, suportados pela doutrina do bem-estar social keynesiano, para formas de acumulação flexível, muito mais abertas em termos geográficos e com base no mercado (Harvey, 2005, p. 181).

Numa tentativa de se desvincular de um modelo de trabalho fabril de produção, onde apenas um produto manufaturado pelo empregado equivale a seu salário de um mês, os trabalhadores focam seus olhares e expectativas no autoempreendedorismo, no qual depositam sua confiança na possibilidade de ser seu “próprio patrão” Rosenfield, C. L. (2015) considera que:

Entre as formas emergentes de inserção pelo trabalho, destaca-se o autoempreendedorismo como objeto emblemático de uma relação de trabalho em substituição a uma relação de emprego, uma vez que se tornar empreendedor de si significa uma forma de distensão da relação de emprego. a relação empregado-empregador é substituída pela relação entre o trabalhador autônomo e o(s) demandante(s) do trabalho. (Rosenfield, C. L. 2015 p.116)

É imprescindível que a doutrina Keynesiana esteja inserida da nesta análise visto que, tal doutrina é visivelmente aplicada na política socioeconômica brasileira, visto que já benefícios garantidos aos trabalhadores formais como férias, seguro desemprego, planos de saúde dentre outros, contudo o estado legisla isto para que os trabalhadores sejam capazes de suportar o sistema capitalista de produção e seu ritmo, ou seja, o que faz com que os trabalhadores permaneçam na formalidade dentro das indústrias, por exemplo, são os benefícios garantidos pelas empresas através da legislação estatal. Porto (2020) faz uma crítica ao modelo e afirma:

O keynesianismo, devíamos saber, é um conjunto de políticas de um capitalismo moribundo, em decadência, procurando equilibrar-se lançando mão de artifícios que vão além do mercado, para salvá-lo. Não nos surpreendamos quando em seus momentos de crise aguda a mão visível do estado se faça presente para resolver o que a mão invisível do mercado não consegue. (Porto, 2020 p.1)

Mesmo diante do estado fazendo o que a iniciativa privada não desejaria fazer, muitos trabalhadores assalariados consideram não valer a pena permanecer nos trabalhos formais, por questões de saúde – no sentido mais amplo do termo – relações interpessoais mal sucedidas, e os salários baixos para o desempenho quantitativo exigido pelas empresas, porém o capitalismo tem seu ritmo, os postos de trabalho existem e quase nunca ficam desocupados, pois há sempre alguém necessitando de um emprego.

A música composta pelo grupo de rappers brasileiros Racionais Mc's, Periferia é Periferia, enriquece este ponto de vista, o trabalhador é considerado um escravo do seu patrão, da sua indústria, é um escravo do tempo, contudo, se este regime de escravidão acabar, o que sobra para o trabalhador além do desemprego? daí surgem pequenos empreendimentos, ou a procura imediata por outro sistema de escravidão.

A ideia de empreendimento próprio, começa então a partir do desemprego, ou do descontentamento com modo e situação de trabalho no setor formal, contudo a própria idealização do autoempreendedorismo é lúdica, feita para que o trabalhador se veja como um grande empresário, dono de meios de produção, fazendo com que este trabalhe dobrado, em espaços improvisados levando a uma prevaricação laboral, inclusive de outros sujeitos envolvidos.

Essa exaltação de um “espírito empreendedor”, na atualidade, se faz em consonância com a reformulação neoliberal da economia política contemporânea, tendo na figura do executivo capitalista um padrão e exemplo de conduta a ser disseminado pela sociedade inteira, fundada no investimento constante na produção da riqueza. Isso porque, para que uma sociedade baseada no funcionamento de mercado livre sobreviva e seja reproduzida, é fundamental ter indivíduos competentes e proativos na criação e produção de negócios. Essa lógica flexível e informal alimenta a ideia neoliberal diante da globalização e da internacionalização do mercado. (Oliveira e Moita, 2016, p.216)

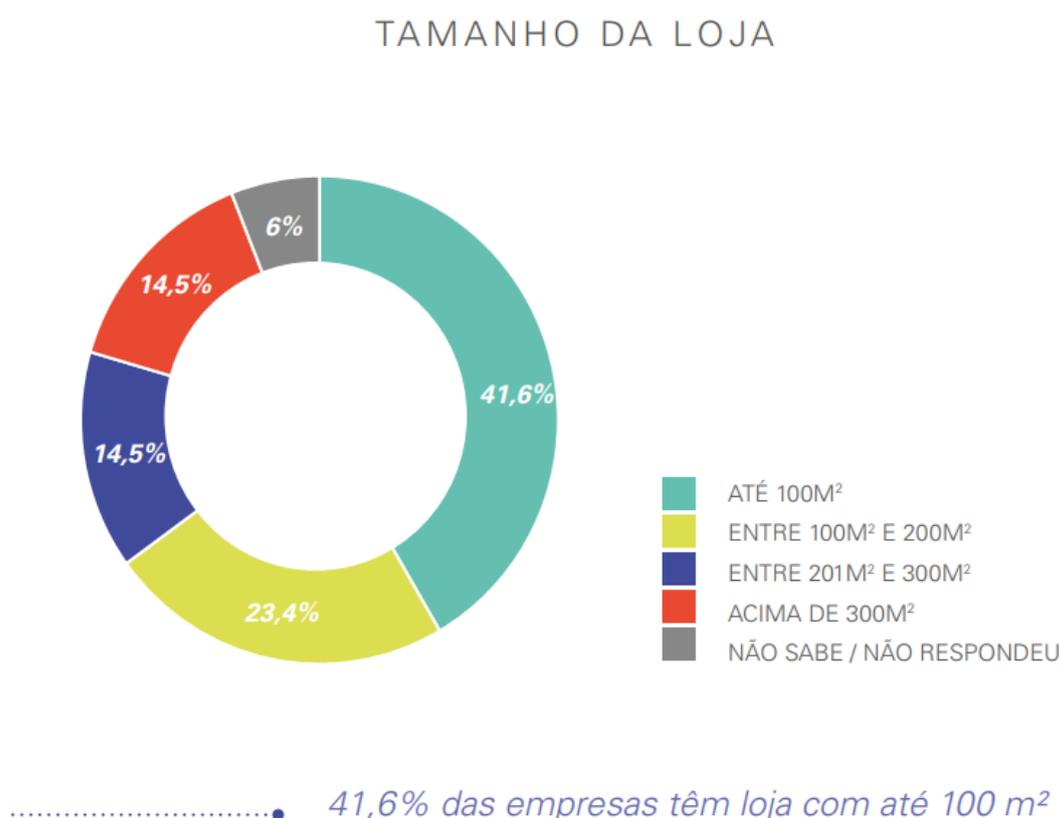
A ideia de proatividade, competência e criatividade exigida pelo “mercado livre” proposta por Oliveira e Moita (2016) é a face descrita do circuito inferior da economia urbana já discutido nesta análise, o circuito inferior possui um potencial criativo relevante, o circuito inferior dita a moda, mas o circuito inferior imita da maneira dele e é desta forma que setores como os minimercados se expandem, na integralização de diversos setores em seus pequenos espaços que vendem as cópias e os originais do que é do alcance de poder de compra do empreendedor e do consumidor, tudo insto fruto da dita mente “proativa” e “empreendedora”.

II PERFIL DOS MINIMERCADOS

2.1 O perfil estrutural dos minimercados na periferia manauense frente ao perfil do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas – SEBRAE.

Ao traçar o perfil do objeto de estudo desta análise faz-se necessário uma consulta prévia ao SEBRAE, visto que, este foi o único órgão a elaborar uma cartilha do perfil dos minimercados no Brasil, a pesquisa de minimercados feita traz um apanhado de temáticas expressas em porcentagens, como o tamanho dos estabelecimentos (figura 05), o número de caixas registradoras (Figura 06) ou o número de setores dentro de um minimercado (Figura 07) expressa em gráficos o apanhado de números. Abaixo seguem alguns exemplos:

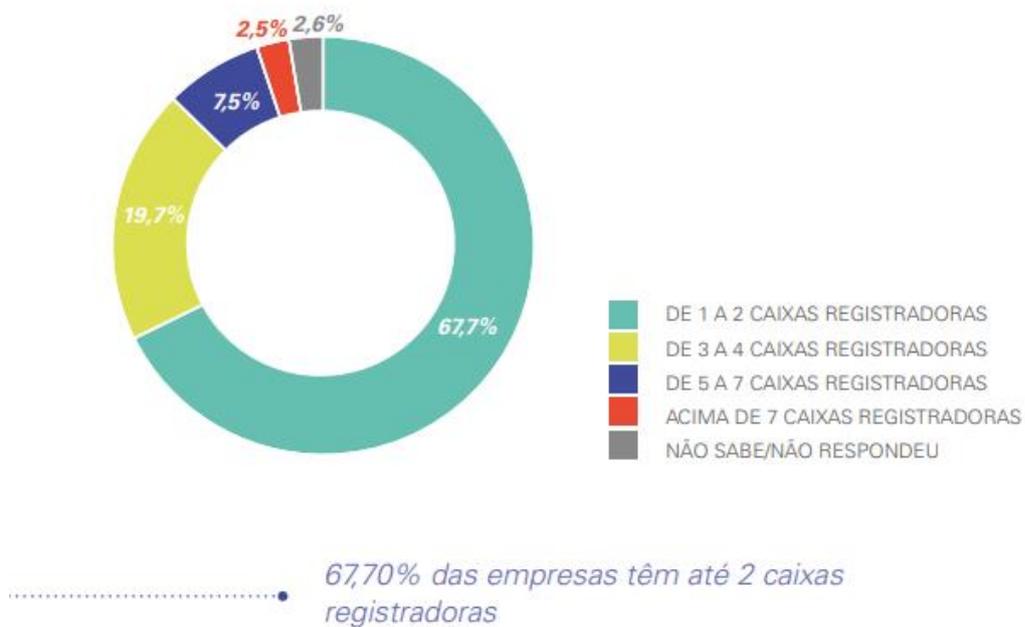
Figura 05 – Gráfico do tamanho médio dos minimercados no Brasil



Fonte: SEBRAE, Pesquisa dos Minimercados no Brasil, 2015.

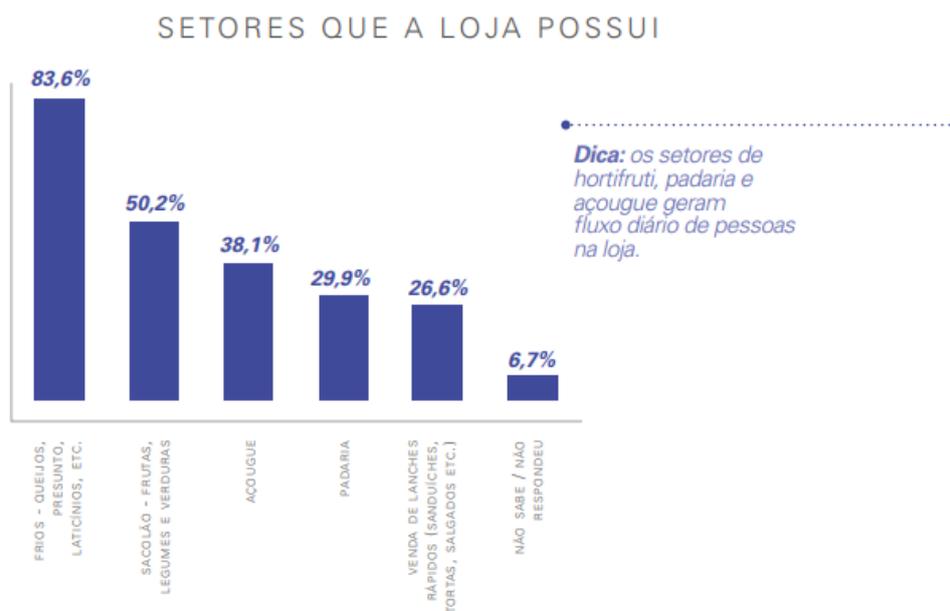
Figura 06 – Gráfico da quantidade de caixas registradoras dos minimercados no Brasil

QUANTIDADE DE CAIXAS REGISTRADORAS



Fonte: SEBRAE, Pesquisa dos Minimercados no Brasil, 2015

Figura 07 – Gráfico dos setores dos minimercados no Brasil



Fonte: SEBRAE, Pesquisa dos Minimercados no Brasil, 2015.

É importante salientar que a pesquisa feita pelo SEBRAE não traz em sua cartilha uma análise dialética que questiona o motivo dos números, nem as possíveis contradições destes, além de também não trazer uma análise cientificamente humana dos sujeitos que trabalham e empreendem nos minimercados, por último e não menos importante, não correlaciona os empreendimentos com o espaço onde estão situados.

Não se pode ignorar as categorias de análise geográfica nesta monografia, uma vez que, estamos na Amazonia, em Manaus, uma metrópole que tem seu tempo e seu espaço propriamente, suas singularidades. Mas onde se deseja chegar com essa informação? no recorte espacial desta análise, visto que, o SEBRAE trouxe números médios de uma amostra geral em sua pesquisa, porém em Manaus – em termos de amostra – há comprovadamente uma realidade diferente em sua periferia em termos de forma.

O questionário de campo nos trouxe o cenário por trás da funcionalidade da existência dos minimercados, a princípio tratamos da forma, do tamanho dos minimercados visitados, e como característica do circuito inferior da economia urbana,

a pequenez do estabelecimento é claramente evidente (Figura 08 e 09) visto que temos um teto estabelecido pelo SEBRAE de “até 100m²”, e percebe-se que os minimercados visitados não ultrapassam 60m², apesar de serem números relativamente próximos, podemos dizer que nesta pequena amostra, há um pouco do que acontece em grande número da periferia, que é a produção do seu circuito de economia dentro dos espaços urbanos possíveis, ou seja, “dentro do que dá”.

Figura 08 – Frente de minimercado com 30m² no bairro Jorge Teixeira



Fonte: Beatriz Praia Ribeiro. 2023

Figura 09 – Área interna de minimercado com 30m² no bairro Jorge Teixeira



Fonte: Beatriz Praia Ribeiro. 2023

Outro questionamento importante é o que consta na 8ª questão, sobre o espaço onde o minimercado se encontra e vimos que os 10 estabelecimentos são uma continuação da casa do proprietário, como já mencionado antes, este empreendimento pode acabar sendo elaborado em partes da casa do seu dono (Figura 11), garagem, sobrado entre outros, desta forma, a casa passa a não ser mais apenas o lugar do descanso, o lugar refúgio do trabalho, a casa passa a ser extensão do trabalho, envolvendo assim família e conhecidos numa grade de “funcionários” não formais, que não foram contratados e tampouco tem direito a metade do que a legislação trabalhista propõe.

A casa como extensão do trabalho foi uma ideia amplamente difundida de em tempos de pandemia da COVID-19 onde uma gama de atividades laborais foram efetivadas no seio lar, ali se fizeram inúmeras críticas relacionadas a necessidade de distinção dos espaços para a saúde do trabalhador, onde se incentivou a separação de espaços de trabalho de descanso dentro das casas, todavia, chama-se atenção aqui para os trabalhadores e empreendedores dos minimercados que o integram a seus lares; a casa então assume um papel secundário de estoque dos produtos ainda não colocados na prateleira dos minimercados, de cozinha para servir comida para quem trabalha no minimercado, de higiene para quem precisa enquanto está no minimercado, os quartos são dormitórios para depois das 14 horas de trabalho, assim dizendo, a casa existe em função do minimercado.

Figura 10 – Minimercado integrando parte da cozinha de sua proprietária



Fonte: Beatriz Praia Ribeiro. 2023

Figura 11 – Minimercado integrando a sala de sua proprietária



Fonte: Beatriz Praia Ribeiro. 2023

O ingresso das mulheres no mundo econômico não equilibra as funções atribuídas aos sexos, ao contrário, reforça as desvantagens vividas pelas mulheres que atualmente compartilham com os homens, de forma equânime ou não, a provisão financeira da família juntamente com a responsabilidade da esfera reprodutiva. A saída do lar e as conquistas cada vez mais visíveis no âmbito público representaram uma revolução incompleta, uma vez que as mulheres ainda assumem praticamente sozinhas as atividades do espaço privado, o que perpetua uma desigual e desfavorável divisão sexual do trabalho para elas. (Ferrari, 2001,p.18)

Outra questão importante para a análise da situação de trabalho de quem atua nos minimercados é a que se encontra no 7º questionamento, que verifica a quantidade de funcionários e funcionárias existentes nos minimercados, 4 dos donos dos estabelecimentos afirmam não ter funcionários no estabelecimento e 6 afirmaram ter apenas 1 funcionário no estabelecimento, aqui faz-se uma análise baseada em questões de construção social dos papéis de gênero, pois os 4 estabelecimentos que afirmam não ter funcionários ou funcionárias tem por dona uma mulher, esta mulher dedica-se integralmente ao minimercado e intervala com as tarefas domésticas e o cuidado dos filhos (figura 10) essas mulheres contam também com a ajuda de seus filhos e maridos, porém a maior parte do trabalho fica direcionada para elas, uma questão importante a ser levantada é de que por mais que essas mulheres sejam donas de seus empreendimentos e trabalhem mais por eles, em alguns casos acabam não administrando o dinheiro e esse acaba indo parte ou totalmente para o marido. Dá-se ênfase ainda na figura 12 onde a proprietária do estabelecimento aparece segurando sua filha e amamentando-a enquanto cuida do estabelecimento.

Os 6 estabelecimentos que são comandados por homens são também os mesmos 6 estabelecimentos que afirmam possuir pelo menos 1 funcionário ou funcionária, estes são contratados pois o dono do minimercado não se dedica unicamente ao minimercado, ele tem seu momento de lazer, fora de casa e o seu momento de descanso dentro de casa, que acaba sendo suprido pelo funcionário ou funcionária do estabelecimento.

Com relação as horas de trabalho, houve também um padrão, os estabelecimentos geridos por mulheres funcionavam cerca de 14 horas diretas por dia, com um horário que vai dar 7 da manhã, as 20 da noite, já os geridos por homens funcionavam no mesmo espaço de tempo, as vezes com diferenças pequenas de uma hora para abrir ou para fechar, porém com momentos de descanso apenas para si, onde havia uma retirada para almoço que se estendia até uma ou duas horas de tarde.

O tempo de existência dos estabelecimentos também nos revela a experiência de seus proprietários com o setor de vendas, estes possuem uma clientela fixa devido ao tempo no espaço onde está inserido a maioria dos estabelecimentos (7) existe a menos de 11 anos, e uma minoria (3) existe a mais de 25 anos, ou seja, cada minimercado surgiu em um momento no tempo e este momento tinha e tem consigo suas técnicas e seus instrumentos, visto que, temos minimercados que mesmo diante de tantos instrumentos facilitadores para pagamento, ainda permanecem aceitando apenas dinheiro físico, estes são 2 minimercados da pesquisa os outros 8 além de dinheiro aceitam cartões de crédito e débito, além de Pix em seus estabelecimentos (Figura 12 e 13) Os 2 minimercados que permanecem aceitando apenas dinheiro físico o fazem por resistência, pois os donos são avançados em idade, um com 67 anos e outro com 55 anos em entrevista um deles apenas afirma

“eu não confio, não sei usar o celular direito e sei que vão me passar a perna, mas não tá faltando cliente, ainda tem, caso eu precise usar futuramente eu tenho meus netos pra ajudar, mas eu mesmo não vejo necessidade de usar”

(Entrevistado 01, Jorge Teixeira, Manaus AM, 60 anos)

Figura 12 – Maquininha para cartão disponível em minimercado



Fonte: Beatriz Praia Ribeiro. 2023

Figura 13 – Formas de pagamento aceitas por minimercado expostas em pequenos cartazes



Fonte: Beatriz Praia Ribeiro. 20

Há quem se questione acerca dos minimercados e sua presença nos bairros mais nobres da cidade, inclusive no próprio centro da cidade, contudo, afirma-se aqui que os minimercados não são uma exclusividade da periferia, nem mesmo suas formas seguem um padrão único na periferia, mas quem sua presença está majoritariamente na periferia, inclusive em raios pequenos de busca, uma amostra disso é a própria carta de localização destes estabelecimentos analisados, presentes na figura 04, aqui afirma-se também que a periferia não estabelece limite para a criação destes, ou seja, a possibilidade de um estar sendo projetado neste exato momento é considerável.

Uma característica relevante do circuito inferior da economia urbana e dos minimercados é seu tamanho, sua pequenez, porém existem pequenas lojas de conveniências, existem empórios, existem inclusive minimercados dentro de condomínios que nem ao menos dispõem de mão de obra dentro deles, mas oferecem a independência e autonomia ao consumidor através das máquinas de cartão de crédito, tudo isso parece nos revelar uma realidade contraditória correlacionada nesta monografia, entre os minimercados e a periferia, contudo desde os produtos oferecidos a disposição destes em todos os estabelecimentos citados nos revela diferenças, inclusive, dependendo quem seja o público alvo do minimercado e de onde ele esteja situado, ele pode nem ao menos ser chamado de minimercado.

Em 2021 uma notícia do que parecia ser uma grande inovação chegava em Manaus (figura 14), era o primeiro “supermercado” autônomo de Manaus localizado dentro do condomínio Renaissance, no bairro Chapada, obviamente uma forma a altura das casas que o cercam e com técnicas apropriadas, pois supõem-se que a classe mais rica é mais letrada tecnologicamente. Observa-se que o “supermercado” possui dimensões pequenas, (figura 15) 41 metros quadrados, porém rebuscadas, e possui muitos setores em si conforme a notícia em questão contudo, ele possui todas as características de um minimercado, com a diferença de oferecer exclusividades, a notícia afirma que ele oferece produtos exclusivos e importados, conseguimos então perceber que temos minimercados que nem são chamados de minimercados justamente pelo público que o frequenta.

Figura 14 – Notícia divulgada em 2021 sobre a chegada do supermercado autônomo em Manaus

GERAL

Chega a Manaus primeiro supermercado autônomo

A expectativa é que nos próximos meses sejam lançadas mais cinco unidades com este formato

Da redação

06/10/21



Começou a funcionar em Manaus um novo modelo de supermercado para compras ágeis e 100% autônomas, sem atendentes, primeiro desse porte na região, com mix completo para atender os clientes. Trata-se do Lutti by Pátio Gourmet, inaugurado no condomínio Renaissance, no bairro Chapada.

A expectativa é que nos próximos meses sejam lançadas mais cinco unidades com este formato e com a marca do Pátio Gourmet. Outras lojas também deverão abertas com a chancela do Superatacado Nova Era. As duas marcas fazem parte do Grupo Nova Era, que atua em Manaus/AM, Boa Vista/RR e Porto Velho/RO.

Fonte: Portal Mazé Mourão, 2021

Figura 15 – imagem reprodução do de supermercado autônomo do condomínio Renaissance, bairro chapada.



Fonte: Portal Mazé Mourão, 2021

Observe que há uma dicotomia inclusive na motivação de criação do estabelecimento, na periferia o minimercado é criado para garantir a sobrevivência de seus proprietários ele é criado dentro de possibilidades possíveis, dentro da própria casa do seu dono, inclusive em zonas centrais a motivação pode ser similar, mas com níveis de alcance diferentes, estes alcances são monetários, alcance do que se deseja de acordo com a quantia disposta.

O dono de estabelecimentos como o Lutti, obviamente possuem a sua disposição poder monetário e as técnicas essenciais e necessárias para se propor um sistema 100% autônomo em termos de atendimento, aqui nega-se a força de trabalho e projeta-se confiança nos seus consumidores, os minimercados da periferia pelo contrário possuem trabalhadores e trabalhadoras não reconhecidos, e ali, não se projeta confiança no público, os olhos e a arquitetura do medo revelam que os proprietários conhecem o potencial de risco que a periferia oferece.

2.2 Quem são os sujeitos da pesquisa: empreendedores e funcionários

Herdeiro de mais alguma Dona Maria
"Cuidado, senhora, tome as rédeas da sua cria!"
(Racionais Mc's – periferia é Periferia)

Os empreendedores e empreendedoras da amostra de Minimercados visitados no bairro Jorge Teixeira são o que podemos chamar de sujeitos periféricos, são aqueles que vivem na periferia e para a periferia, Guimarães (2015) afirma ainda que estes sujeitos surgem a partir da ação de outros sujeitos, estes por sua vez são detentores dos meios de produção.

A periferia, em sua forma, é resultado de ação pulverizada de uma variabilidade de agentes privados, que ao agirem dão origem aos chamados loteamentos populares. Estes surgem através das estruturas geradas pelos mecanismos espoliativos urbanos que impulsionam os agentes sociais precariamente incluídos nos circuitos superiores da economia e da política a produzirem seu próprio espaço." Guimarães (2015, p.110)

O sujeito periférico é de certa forma de fato precariamente incluído, mesmo que isso nos leve a estabelecer níveis de exclusão, afirmamos aqui com base no que já foi discutido no primeiro capítulo desta monografia quando tratamos das perspectivas da periferia, ou seja, um sujeito que mora no espaço urbano possível,

precário em todos os seus aspectos, é diferente do sujeito que é considerado periférico apenas por não estar no centro da cidade, mas goza dos benefícios deste centro pois estar próximo do centro, ou seja, temos apenas um que de fato é precariamente incluído.

O mesmo sujeito que é precariamente incluído nos processos econômicos superiores do espaço urbano e dos processos políticos, sobretudo de tomada de decisões, é obrigado a produzir o seu próprio espaço, a cidade como espaço produzido pelos sujeitos acaba que inevitavelmente carregando consigo as características dos seus produtores.

Vista como uma forma de organização do espaço pelo Homem, a cidade pode ser considerada, de acordo com Harvey (1972), como a expressão concreta de processos sociais na forma de um ambiente físico construído sobre o espaço geográfico. Expressão de processos sociais, a cidade reflete as características da sociedade. (Corrêa, 2000, p.100)

Considerando-se então a produção da periferia como produto e produtora de processos sociais, temos os sujeitos periféricos como produtores do possível para o espaço geográfico onde estão inseridos, são eles que produzem suas casas através da autoconstrução, são eles quem constroem seus negócios, atualmente chamados de micro e pequenas empresas, são eles que por muitas vezes desenvolvem a estrutura urbana das ocupações irregulares que se tonam bairros posteriormente.

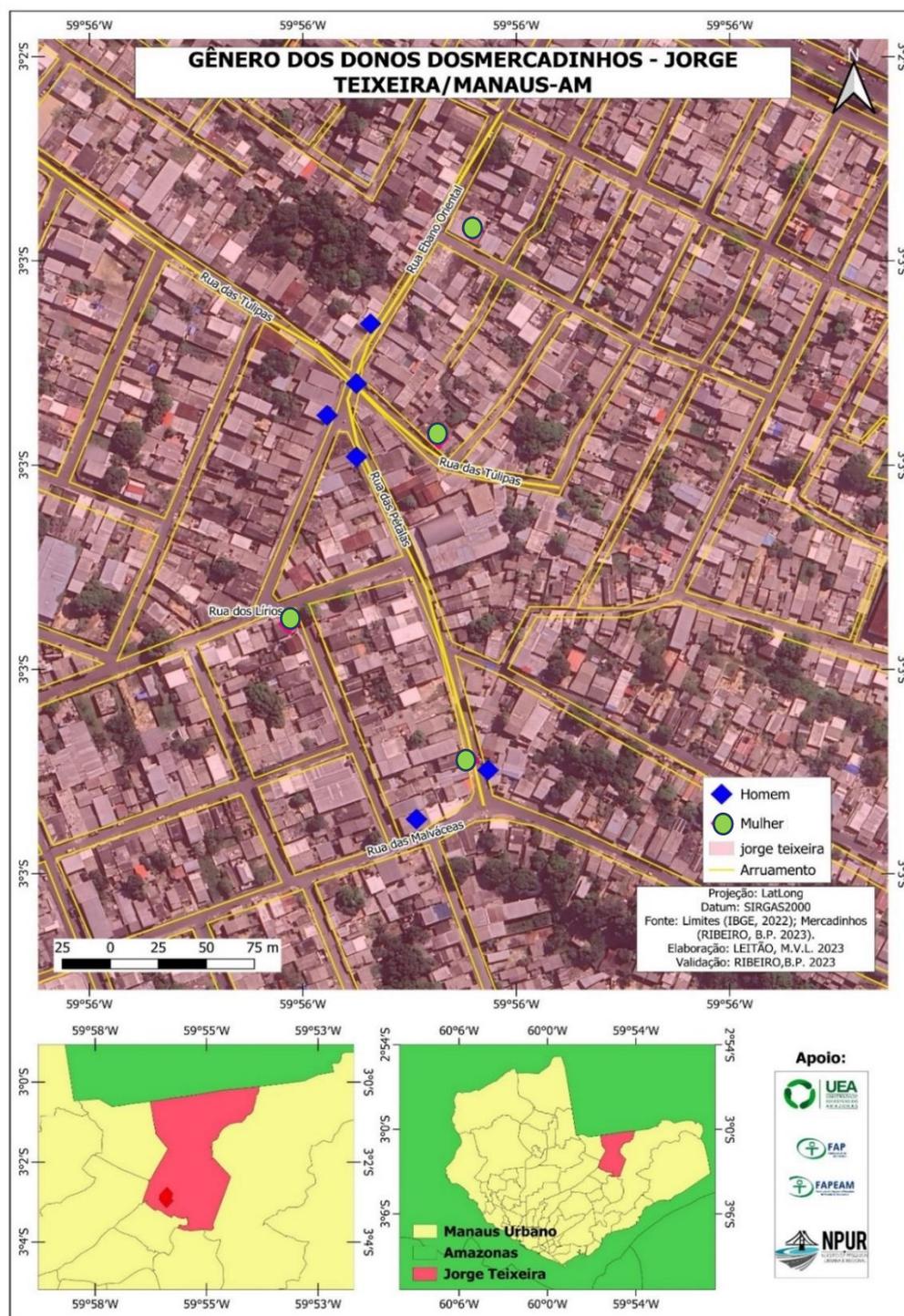
Foram os sujeitos e sujeitas desta pesquisa que construíram seus minimercados e assim fizeram de periferia de Manaus a abrigadora de uma rede de minimercados com dinâmicas próprias, trazendo concorrências, criando centralidades econômicas e essencialmente a sobrevivência de quem investe nestes.

Tabela 01 – Identificação dos nomes dos minimercados além do gênero e antiga ocupação dos proprietários e proprietárias

Minimercado	Gênero do(a) proprietário(a)	Antiga ocupação do(a) proprietário(a) (se houver)
Casa da Carne Sabá	Homem cis	Ex-militar da Polícia militar de Manaus. Aposentado.
-----	Homem cis	Não possuía ocupação formal ou informal
-----	Homem cis	Não possuía ocupação formal ou informal
-----	Homem cis	Não possuía ocupação formal ou informal
Rei da Economia	Mulher cis	Distrito industrial de Manaus, com atuação na área de injeção plástica.
Fruto da fé	Mulher cis	Diarista em duas casas simultâneas. na zona centro-oeste da cidade de Manaus.
Anacleto	Mulher cis	Distrito industrial de Manaus, com atuação na área da indústria têxtil.
-----	Mulher cis	Não possuía ocupação formal ou informal
-----	Mulher cis	Não possuía ocupação formal ou informal
-----	Mulher cis	Não possuía ocupação formal ou informal

Elaboração: Beatriz Praia Ribeiro, 2023; Fonte: pesquisa de campo, 2023

Figura 16 – Carta de indicação do gênero dos donos dos minimercados - JORGE TEIXEIRA/MANAUS-AM



É importante salientar que os proprietários e proprietárias dos minimercados projetam seus futuros e o futuro de seus filhos no minimercado, os pais por vezes ensinam seus filhos as melhores estratégias para conseguir os melhores preços para revenda, ensinam também a conhecer o público atendido pelo mercadinho fornecendo assim produtos essenciais, ou seja, são incentivados a conhecerem o perfil da demanda dos clientes; da mesma forma os funcionários, os proprietários os ensinam a lidar com o minimercado em sua ausência, estimulando a melhor tomada de decisão, que sempre é a mais lucrativa.

Conforme a tabela 01 e a figura 16 temos 4 estabelecimentos chefiados por mulheres e 6 chefiados por homens, faz-se a importante observação que 3 dessas mulheres tinham uma ocupação antes de investirem na abertura de um minimercado no bairro onde moram, as duas que trabalhavam no distrito industrial quem mediante ao recebimento de uma rescisão tiveram maior facilidade de investirem em seu minimercado em comparação a mais uma proprietária que não teve a mesma possibilidade mediante ao recebimento de horas trabalhadas em casas de famílias como diarista.

Dos 6 estabelecimentos chefiados por homens, apenas um destes homens de fato atuou em uma ocupação formal antes de tornar-se proprietário de um minimercado, este por sua vez era policial militar, que mediante a sua aposentadoria teve as melhores condições para o desenvolvimento de seu minimercado. Um dado importante é que os outros 5 homens que também se apresentam como donos de seus empreendimentos herdaram os minimercados de seus pais que mediante ao falecimento, deixaram por herança o empreendimento para o atual proprietário.

Os proprietários e proprietárias dos minimercados além de serem analisados quanto sujeitos periféricos também são analisados como os “empresários” da periferia que assim como outros, desejam lucrar acima de tudo, estes por outro lado tornam-se patrões nada preocupados com os direitos trabalhistas de seus colaboradores, mesmo se tratando da informalidade, de um trabalho com a ausência de uma carteira assinada, seria necessário um acordo de bom senso entre funcionários e proprietários, o que nos prova isto é uma jornada de trabalho que excede as 10 horas estabelecidas por lei, conforme disposto no questionário de, todavia, o que observa-se é que o próprio funcionário não se percebe na posição de funcionário, considera-se um ajudante apenas.

Em termos de fiscalização, pode-se dizer que as práticas antes mencionadas permanecem e permeiam o circuito inferior da economia em sua informalidade devido ao grande número de estabelecimentos. Os minimercados em Manaus estão em grande número principalmente nas periferias. A pequena carta de localização dos minimercados visitados para esta pesquisa nos mostra um pequeno aglomerado de minimercados em apenas 3 ruas diferentes.

Manter os minimercados sempre cheios para atender os clientes fixos dos estabelecimentos é uma tarefa custosa aos proprietários, pois nem sempre há capital de giro suficiente para mantê-los, por isso, esses sujeitos se apoiam nos empréstimos direcionados aos microempreendedores informais, tais empréstimos intitulam-se programas de apoio que contribuem para a geração de empregos e renda, porém percebe-se que mesmo não possuindo nem dois funcionários ou até mesmo um CNPJ, o empréstimo é garantido.

Portanto, o que antes era característica basilar do circuito superior da economia urbana, as linhas de créditos e os financiamentos, migram também para o circuito inferior da economia e assim os proprietários e proprietárias mantêm seus estabelecimentos sempre chios, contudo, com uma dívida que parece não acabar, eis aí mais uma contradição que permeia os espaços periféricos, a falsa noção de empreendedorismo trazendo consigo uma classe média sempre endividada, a oportunidade traz também o fardo das dívidas.

Os colaboradores ou funcionários atuantes nos minimercados são em sua maioria jovens menores de idade que possuem a confiança do proprietário do estabelecimento, este ou esta jovem não estuda e já não estudava antes de atuar no minimercado, alguns chegam a aprender a fazer contas dentro do minimercado e a escrever nos cadernos de devedores dos minimercados e não possuem perspectiva fora do minimercado, visto que trabalham uma carga horária de 14 horas diárias.

Portanto, percebe-se uma classe média em ascensão endividada, e uma classe baixa permanentemente baixa trabalhando em colaboração aos proprietários dos estabelecimentos, percebe-se também um grupo de mulheres trabalhando para construir uma fonte segura de capital futuro para seus filhos à medida que cuidam das tarefas do lar e homens que se ocupam apenas de cuidar dos assuntos de seus estabelecimentos.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entende-se, portanto, o perfil de um dos setores do circuito inferior da economia urbana mais presentes na periferia da cidade de Manaus, o minimercado e seu setor de vendas que parece não possuir limites, o que pode ser vendido dentro de suas pequenas paredes é vendido, e o necessário para que se mantenha em pleno funcionamento e atendendo os assíduos clientes ao seu redor é feito.

Foi possível se notar também as grandes diferenças presentes entre os minimercados da periferia e os minimercados que estão presentes dentro dos condomínios, que nem ao menos são reconhecidos como minimercados, as diferenças motivadoras de criação destes estabelecimentos também ficaram clara nesta análise, expondo uma dicotomia que vai da sobrevivência ao interesse de ser notado, ao interesse na parceria de grandes marcas, ou seja, além do lucro, a promoção de um nome.

A ideia errônea de Ascensão social através do autoempredimento, através da lúdica transformação da classe trabalhadora em patrões autônomos, donos de seus horários, donos de seus próprios negócios promoveu portanto a criação dos minimercados, mas é através da análise comparatória que foi feita, que foi possível se notar quem são os verdadeiros patrões, o dono do minimercado, ainda que dono do lugar onde o mercadinho está, permanece como orça de trabalho, inclusive trabalhando mais horas com menos direitos trabalhistas.

Compreendemos então as contradições da periferia dentro desses pequenos estabelecimentos, visto que, ao fazer-se uma discussão sobre gênero, observa-se que historicamente a sociedade presencia cotidianamente uma divisão social de papéis que sempre inferioriza a mulher e sobretudo, a incapacita de traçar sua própria jornada social, seja em qual for sua posição. Aqui também se põe em evidencia o trabalho invisível e o trabalho não pago, o trabalho das mães que não são apenas mães, são as faxineiras, são as repositoras e as empreendedoras dos minimercados.

A situação laboral dos minimercados da periferia são também uma pequena amostra do cenário que vive o trabalhador de muitos setores do circuito inferior, e termos gerais, este trabalhador ocupa-se sem carteira assinada e sem ter a possibilidade de desfrutar de muitos direitos que deveriam ser seus. Esta monografia evidenciou um horário de trabalho que extrapola o previsto por lei Brasileira, chegando

a 14 horas diárias, 84 horas semanais, ou seja, tanto os donos dos minimercados quanto seus colaboradores tem por centro da vida servir ao minimercado, sendo a sobrecarga maior é claro, às mulheres, trabalhadoras integrais.

Destarte, valoriza-se então o trabalho desses homens e mulheres que chefiam os minimercados da metrópole em sua periferia, que mesmo diante de muitas dificuldades e sobretudo diante da máquina capitalista que não tem piedade dos que não acompanham são capazes de sobreviver, de reinventar e de se reestruturar apesar de tamanhas desigualdades distribuídas nos mais diversos aspectos.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAUJO, Clara; SCALON, Celi. Percepções e atitudes de mulheres e homens sobre a conciliação entre família e trabalho pago no Brasil. In: Araujo, Clara; Scalon, Celi. (orgs). Gênero, Família e Trabalho no Brasil Rio de Janeiro, Editora FGV, 2005.

BEAUVOIR, Simone. O segundo sexo: fatos e mitos. 4. ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1980.

CANETTIERI, Thiago. A Condição Periférica: Uma Crítica Da Economia Política Do Espaço Em Paralaxe. 2019. Tese (Doutorado em Geografia) - Instituto de Geociências. Universidade Federal De Minas Gerais, Minas Gerais, 2019.

CARVALHAL, T. B.; THOMAZ, A. Gênero, classe e trabalho. Caderno Prudentino de Geografia, [S. l.], v. 1, n. 28, p. 137–162, 2020. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/cpg/article/view/7395>. Acesso em: 20 nov. 2023.

CATAIA, Márcio; SILVA, Silvana. Considerações sobre a teoria dos dois circuitos da Economia urbana na atualidade. Boletim Campineiro de Geografia, Campinas, v. 3, n. 1, p. 55-75, 2013. Disponível em: <https://publicacoes.agb.org.br/boletim-campineiro/article/view/2483>. Acesso em: 20 nov. 2023.

CORRÊA, Roberto Lobato. O Espaço Urbano. 4ª ed. Editora Ática. S.A. São Paulo, 2000.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa. 2º ed. 18. Impressão. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

HARVEY, David. A Produção capitalista do espaço. São Paulo. Annablume, 2005.

MAUTNER, Y. M. M. . A periferia como fronteira da expansão do capital. In: DEÃK, Csaba; SCHIFFER, Sueli. (Org.). O processo de urbanização no Brasil. 1a.ed.São Paulo: EDUSP e FUPAM, 1999, v. 1o., p. 245-259

MOREIRA, Ozileide Matos. O Gênero Para A Geografia: Por Uma Ciência Feita Com, Por E Para Mulheres. REVISTA DA ANPEGE. V. 18. Nº. 36. 2022

OLIVEIRA, Eveline Nogueira Pinheiro de; MOITA, Dimitre Sampaio; AQUINO, Cassio Adriano Braz de. O Empreendedor na Era do Trabalho Precário: relações entre empreendedorismo e precarização laboral. Ver. Psicol. Polít., São Paulo, v. 16, n. 36, p. 207-226, ago. 2016 . Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2016000200006&lng=pt&nrm=iso. Acessos em 20 nov. 2023.

POSITO, Eliseu Savério. Geografia e filosofia: contribuição para o ensino do pensamento geográfico. São Paulo: Editora da UNESP, 2004.

RAFFESTIN, Claude. Por uma Geografia do poder. São Paulo: Editora Ática, 1993.

ROSENFELD, C. L. . Autoempendedorismo: forma emergente de inserção social pelo trabalho. Revista Brasileira de Ciências Sociais (Impresso) , v. 30, p. 115-128, 2015.

SANTOS, E. C. B. e JÚNIOR, W. M. L. Centralidades na perspectiva da relação centro-periferia. Sociedade & Natureza, Uberlândia, p. 351-359, dez. 2009.

SANTOS, Milton. A natureza do espaço. 4ª ed. São Paulo: Edusp, 2004.

SANTOS, Milton. Espaço e Método. São Paulo: EDUSP, 2008.

SANTOS, Milton. Estrutura Processo, Função e Forma como Categorias do Método Geográfico. In: Espaço e Método. São Paulo, Nobel, 1985.

SANTOS, Milton. O espaço dividido: os dois circuitos da economia urbana dos países Subdesenvolvidos. Tradução de Myrna T. Rego Viana. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979.

SANTOS, Milton. Por uma outra globalização – do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Record, 2006.

SEBRAE. Minimercados no Brasil. Brasília, 2016. Disponível em: <https://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/bis/conheca-o-setor-de-minimercados-no-brasil.b637bb90065e2510VgnVCM1000004c00210aRCRD> Acesso em: 02 nov. 2023.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Educação & Realidade. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez. 1995.

SILVA, Joseli Maria . Gênero e sexualidade na análise do espaço urbano. Geosul (UFSC) , v. 22, p. 117-134, 2007.

SOUZA, L. P. ; GUEDES, D. R . A desigual divisão sexual do trabalho: um olhar sobre a última década. Estudos avançados (online) , v. 30, p. 123-139, 2016.

SOTO, W. H. G. . Subúrbio, periferia e vida cotidiana. Estudos Sociedade e Agricultura (UFRJ) , v. 16, p. 109-131. 2008.